

O POVO DE BRAGA

JORNAL POLITICO, RELIGIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS

Redactores o Bacharel J. A. Gomes Pereira e J. Leite.

N.º 20

Preço d'assignatura
Anno 1\$500 rs., semestre 900 rs.
e trimestre a findar em 30 de junho
500 rs. Os artigos assignados
são extranhos á redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Administrador do Jornal, O POVO DE BRAGA, Typographia Lealdade, Rua de Jaco. Vende-se por 40 rs. em todos os Kiosques da cidade.

Preço dos annuncios

Por linha..... 20 rs.
Repetição..... 10 *
Communicados..... 20 *

1880

EXPEDIENTE

Áquelles srs. a quem tomamos a liberdade de enviar o nosso jornal, e o não queiram receber, pedimos o obsequio de o devolver a esta redacção, para assim podermos regularizar os nossos trabalhos: caso o não façam, contal-os-hemos em o numero dos nossos assignantes.

BRAGA 27 DE JULHO

THESES

Representou no dia 24 do corrente, o sr. Manoel Antonio Borges; na sala das sessões da relação ecclesiastica, essa ridicula comedia, a que por chalaça se dá por ahí o nome pomposo de *Theses*, e que o sr. D. João Chrysostomo inaugurou n'esta diocese para pasto da gargalhada publica, e tromento dos pobres estudantes, que tiveram a infelicidade de dar boas provas durante o seu curso.

Espectaculo grotesco e cavallada indecorosa, as theses não passam d'uma verdadeira parodia, inventada pelo sr. Arcebispo Primaz, para *tableau* onde durante uma ou duas horas, espaneja ao som d'uma intoleravel charanga a sua estolida vaidade e o seu arrogante orgulho.

Não nos julguem apaixonados ao classificarmos de cavallada este acto academico. Pela exacta e fiel descripção que vamos fazer, verão os leitores, que não somos exagerados.

As theses em Braga são um combate simulado, sem os resultados praticos dos exercicios d'esta ordem. Começam por uma mentira transparente, e acabam por uma Quixotada Offembalesca.

Dias antes do certamen, percorre as ruas d'esta cidade envergonhado e temeroso, a victima das espectaculosas vaidades archiepiscopaes, distribuindo pelos seus amigos, pelos professores e pelas auctoridades, um folheto em 8.º francez, contendo depois da obrigatoria louvaminha ao sr. dr. Guimarães, e ao sr. Arcebispo, nem mais nem menos, que 63 proposições, que o pobre estudante diz que offerece para serem combatidas!!

Estas 63 theses, são extrahidas de sete repartições em que parece, que se divide o seu curso theologico. Entram n'essas theses algumas de direito natural e canonico, do qual apenas se dão incompletas noções aos alumnos, e de Theologia Exegetica, que é impossivel estudar-se sem o preciso conhecimento do grego e de hebreu; dous pomos vedados ao paladar dos alumnos do seminario bracarense!!!

Ora eis aqui a primeira e mais monstruosa mentira, a que é obrigado a subcrever o fantastico doutor da *Universidade* conciliar de S. Pedro.

Mas o que ainda torna tudo isto mais ridiculo, é que nem uma das 63 theses propostas, foi escolhida pelo estudante, nem uma sequer! Os professores reunidos em claustro pleno, apresentam cada um 9 theses que depois de apuradas na redacção, e attendidas na sua conveniencia ou inconveniencia, se mandam imprimir sobre a responsabilidade do defendente, que depois tambem por coherencia, não tem o direito de escolher as que defende, mas ha de sugeitar-se a defender, as que lhe marcam.

Permitta-se-nos agora uma interrogacção? Isto é serio? Isto accredita-se? Isto é possivel?

Respondemos sem receio de ser desmentidos, e provocamos até que nos desmintam. Não é serio, mas deve acreditar-se; porque é um facto repetido em tres ou quatro annos. E para que? É aqui justamente onde se insurge a nossa indignação contra esse charlatanismo scientifico, com que o sr. D. João Chrysostomo mandou apregoar pelos seus amoucos, as suas reformas litterarias no seminario diocesano.

Estes certamens simulados, e revestidos de enfeites postiços, são apregoados pela imprensa, como resultados obtidos pelo esmerado estudo dos alumnos do Seminario, e como sendo o fructo das reformas intentadas por sua exc.^a rev.^{ma}

Depois são remettidos exemplares das theses para a Nunciatura e para Roma, para n'estas estações se acreditar que é realmente notavel o aproveitamento dos estudantes, e para se fazer crer que o sr. D. João Chrysostomo, é não só um sabio notabilissimo, mas um reformador fecundo e abalisado.

É mais uma insidia armada para grangear benevolencias e respeitos, por quem tem a propria consciencia a accu-

sal-o da ausencia completa do verdadeiro merito.

É tempo porem de desafivelar mais esta mascara, com a qual sua exc.^a rev.^{ma} se pertende apresentar diante do delegado de S. S. e por ventura tambem dentro do Vaticano.

Exige a moralidade, e obriga a opinção publica que sejamos francos e digamos bem alto: Mais pudor arrelequins mitrados!

Não contestamos que uma defeza de theses tenha algumas vantagens.

Obriga o estudante a falar em publico, prepara-o para as discussões, dá-lhe ensejo a meditar sobre os assumptos, a prevenir embuscadas, a desfazer sofismas, em fim a familiarisal-o com as luctas da intelligencia e com a estrategia da dialectica.

Mas para isto se conseguir, importa que seja o estudante e não outrem, que proponha o ataque, e se defenda; que estabeleça os pontos de doutrinas, e as sustente; que finalmente só nas materias, de que todos tenhamos a certeza, que lhe são familiares, venha perante o grande jury da opinção, provar que as estudou com vantagem e d'ellas tem uma consciencia profunda.

Mas receber de estranhos, proposições para as defender, affirmando que são suas, é obrigar um pobre estudante a iniciar a sua vida litteraria pelo plagiato, e ensinal-o a ser as gralhas da fabula!!

Não se julgue que nas observações que deixamos escriptas, temos intenção de pôr em relevo a responsabilidade que cabe n'esta mascarada ao corpo docente do seminario. As relações de amizade que nos honramos de ter com alguns dos dignos professores d'aquelle estabelecimento litterario, e o respeito que devemos ter pela especialissima condição em que suas ex.^{as} se vêem, juntos d'um prelado voluntarioso e auctoritario, impoem-nos o dever de lamentar, que sejam victimas innocentes dos arbitrios e caprichos d'um chefe tão fatuo como ridiculo.

E ao sr. Borges, pedimos que se esqueça d'esse papel, que foi obrigado a representar; que não se desvança com as coróas, que lhe puseram na cabeça, porque os louros com que foram tecidas, eram seccos e mirrados, e máis lhe podem servir para o ferir que para lhe engrinaldar a frente.

O DINHEIRO DOS POBRES

Lembramos ao sr. arcebispo primaz, a necessidade de distribuir pelos pobres e em obras pias, os 40:000\$000 e tantos contos de reis que s. ex.^a rev.^{ma} tem em seu poder, provenientes das multas por dispensa de proclamas: e que, estando aferrolhados na gaveta de s. ex.^a, estão desviados do seu fim, porque nada aproveitam á humanidade.

É possível que alguém lucre com o deposito d'essa avultadissima quantia; mas o que é certo, é que o pobre, a viuva envergonhada, o orfão desvalido que são tão senhores d'esses quarenta e tantos contos de reis, como o sr. D. João é senhor do seu *breviario*, esses estão morrendo á fome e á miseria, enquanto que o arcebispo de Braga se entretém a encartuchar aquelles milhares de libras!

Isto não póde assim continuar.

A pobreza de todo este arcebispado tem direito a ser soccorrida: e clama ao céo vingança o prival-a d'aquelles avultados soccorros, que a caridade publica lhe dispensa.

Entregue pois, sr. arcebispo, entregue aos pobres aquillo que lhes deve.

As obras de Santa Engracia na Sé Primaz de Braga

Á perto de 3 annos, que na capella mór da nossa cathedral, começaram as obras imaginadas e mandadas executar pelo sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, sem que n'um tão prolongado espaço de tempo, se tenham concluido.

Com taes demoras, teremos obras para o fim do seculo XX!

Houve pressa para, em virtude d'um contracto não sabemos se leonino, se illegal, se abrir uma porta n'aquella capella: houve pressa para alargar o plano, onde nos pontificaes funciona o sr. D. João, porque a grandeza de s. ex.^a não cabia n'aquelle curto espaço: houve pressa para exhumar os ossos do veneravel arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, e collocal-os depois defronte das clo... da Sé: houve pressa para profanar os tumulos dos progenitores dos nossos reis, e remover as carcomidas ossadas para a capella de S. Crispim, propriedade dos sapateiros d'esta cidade: houve pressa para mandar fazer um baldaquino, na cornija do qual se collocassem as armas de s. ex.^a rev.^{ma}; mas agora tudo são demoras, e as pressas acabaram.

E assim devia ser. Os restos mortaes d'um Caetano Brandão fazem recordar ainda a grandeza de suas virtudes; os tumulos d'um D. Henrique e D. Theresza ainda nos trazem á memoria as suas heroicidades, e a realza de seus descendentes. Ora isto incommoda o orgulho do actual arcebispo de Braga, e elle não póde consentir na sua capella mór, outra grandeza que não seja a sua.

Romovam-se, pois, para um lugar inconveniente as venerandas reliquias d'um Frei Caetano Brandão: descancem na capella dos sapateiros de Braga, os restos mortaes dos progenitores dos nossos reis; eleve-se sobre o altar onde se sacrifica o nosso Deus, sobre o docel onde se expõe á publica veneração a Hos-

tia sacrosanta, eleve-se o escudo, as armas, os brasões do actual arcebispo de Braga, para complemento das suas vaidades e para satisfação do seu estolido e mais que fanfarrico orgulho!!!

Nada temos com estas loucas vaidades de s. ex.^a rev.^{ma}; desejamos apenas que, por honra da mitra do Primaz das Hespanhas, o sr. D. João Chrysostomo mandasse tirar d'aquellas armas = *um cão*, = que o esquecimento ou os muitos afazeres de s. ex.^a, não permite que o veja, ou antes que o ouça.

Rematamos, pois, pedindo ao sr. arcebispo se digne activar aquellas obras, afim de que não sejam por mais tempo interrompidas as solemnidades religiosas, em deterimento do culto e da piedade dos fieis.

Responde stulto. juxta stultitiam suam.

Poderiam os protestantes de Ponte do Lima dirigir todas as zombaias, e fazer todos os salamalekes a esse assombroso prodigio de virtudes, a esse = non plus ultra da sciencia humana, = ao seu = heroe de Cabanas, = sem comtudo dirigir offensas ou fazer perfidas insinuações áquelles, que independentes e dignos, stigmatizam o vicio e o crime, quer elle se occulte entre os esplendores d'uma mitra, quer se aninhe entre os andrajos da pobreza.

Para aquelles pobres clérigos de Ponte, a imprensa digna e seria é talvez o *Commercio do Minho* ou a *Semana Religiosa*, onde os professores do seminario, e sobretudo o outr'ora padre João Rebello, queima avariado incenso, e dirige amorosos enternecimentos ao sr. arcebispo primaz.

Lá entendem de si para si os taes clérigos, que é serio e digno o ter um jornal de casa, e encher as suas columnas com elogios e pueris louvaminhas ao dono d'ella, que se torna o protogonista de toda aquella grotesca comedia.

Lá entendem ss. rev.^{mas} que imprensa seria e digna são apenas os artigos escriptos em Braga nas salas do arcebispo, e mandados publicar nos jornaes de fóra, a favor e em defesa do mesmo ex.^{mo} senhor.

Imprensa seria e digna são as correspondencias do sr. dr. Egydio para o *Campeão das Provincias*, e um pamphleto vendido aos padres por 500 reis, repleto de zombaias e ascorosos ellogios ao sr. D. João Chrysostomo!

Isto sim! Isto é que agrada e edifica a piedade e o amor filial d'aquelles ingenuos protestantes!

Mas deixemos estas considerações que nos levariam mui longe, e vejamos como no seu intento de lizongear ao sr. D. João, se fingem tão santamente indignados aquelles virtuosos clérigos de Ponte do Lima.

Ouçamol-os:

«Não estranham que contra o prelado virtuosissimo, contra o distincto orador, contra o douto theologo, se architectem infamias, que mais ferem a mão, que as arroja, que o alvo a que se dirigem.

Não estranham, finalmente, que parte da imprensa periodica = ao serviço muitas vezes dos mais torpes e abjectos sentimentos — se preste a dar publicidade e vulto ás calumnias e diffamações com que a vilissima inveja e a maledicencia pertendem denegrir o respeitabilissimo caracter de V. Ex.^a Rev.^{ma}.

Ora, pondo de parte as vossas estranhezas, nós damos uma libra em ouro, aos reverendos, se forem capazes de nos apontar com verdade, alguma virtude notavel de s. ex.^a rev.^{ma}, a não ser a diligencia e a temperança.

N'estas duas virtudes sim, é n'estas s. ex.^a imminente; e tanto que até reccamos venha d'ellas a ser um martyr.

O arcebispo de Braga não é perguicoso nem indolente, no serviço que lhe renda dinheiro.

É certo que este trabalho é feito de empreitada, muitas vezes sem sciencia nem consciencia, e com lesão e offensa das partes; mas o que é verdade é que o serviço faz-se, e ás 2 horas da tarde, o assiduo prelado conta o fructo do seu trabalho, e encontra os seus 6, 7 e 8 mil reis na gaveta dos emolumentos!!!

Assim elle fosse activo e cuidadoso no trabalho gratuito, como o é no remunerado!

Assim elle enviase para Lisboa os informes dos oppositores ás diversas igrejas!

Assim elle activasse os exames e collações dos diferentes parochos!

Assim elle tratasse dos diversos e importantissimos negocios que tem a resolver!

Mas não. A actividade e diligencia do sr. D. João Chrysostomo, porora, só se tem desenvolvido para o trabalho remunerado: para o outro, talvez os clérigos protestantes lhe encontrem alguma virtude, que o faça remisso e torne moroso, porque nós só descobrimos n'este indigno procedimento, desleixo reprehensivel e avareza conde-navel.

Mas vejamos agora a outra grande virtude do sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

É a temperança, é a abstinencia, é a parcimonia na sua mesa:

O actual arcebispo de Braga, n'este ponto, é virtuosissimo como talvez o não será nenhum outro prelado portuguez, ou mesmo nenhum membro do baixo clero.

Se o prelado bracarense reduz a sua mesa á extrema penuria, por virtude, feliz d'elle que no céo, hade ser saciado com aquellas delicias, que estão promettidas aos que soffrem privações por amor do nosso Deus: e se o faz por miseria e mesquinhez, nós com isso nada temos.

O que é certo é que os familiares n'aquella casa, tornam-se transparentes como uma espinha: e que alguns criados que não estão resolvidos a ir ao céo pelos jejuns, ajustaram-se a sêcco, porque disem elles «queresmas de 365 dias quem quizer que as jeje!»

Agora, com relação ao = *distincto orador*, = diremos apenas a ss. rev.^{mas} que o sr. D. João entre os centenares de sermões que prégou, apenas teve um que lhe rendeu 4 moedas. Os demais a 16 e 18 tostões, meia moeda, uma, e d'ahi para cima muito poucos apanhou.

O *douto theologo*, que os clérigos nos querem inculcar, apenas se distinguio na Universidade pelo seu genio irrequieto e caracter pouco leal, por umas intrigas que lá moveo, e pela singularidade de suas opiniões, ácerca da immaculada Conceição de Nossa Senhora; por quanto, em antes da difinição dogmatica, o sr. D. João Chrysostomo era o unico padre que na Faculdade de theologia, tinha a opinião de que = a SS. Virgem fóra, como as outras mulheres, concebida em peccado!!!!

Esta opinião, em antes da difinição da egreja, era admissivel; se bem que pouco seguida, mal soante aos ouvidos dos catholicos, em desharmonia com a piedade dos fieis, e só sustentada por aquelles que se queriam tornar notaveis pela extravagancia e exquisitez de suas opiniões.

Estaria o sr. D. João, o tal = *douto theologo*, = n'este caso, ou quereria elle roubar, á Mãe do nosso Deus, a mais preciosa perola da sua corôa?

Não sabemos. Em todo o caso, é triste a celebridade, para um tão = *douto theologo*. Valha-nos Deus, clérigos!

A TEIA DAS MISERIAS

(Continuado do n.º 19.)

Veio-nos por acaso, ter ás mãos a seguinte carta dirigida ao sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

É firmada por um cavalheiro respeitavel d'esta cidade, amestrado nas lides da imprensa, que por certo, não poria

seu nome por baixo de calumnias, falsidades ou injurias,

O estilo da carta é apocalypticamente e mysterioso: e nós com franqueza o dizemos, não entendemos nada d'aquillo, que o illustre signatario nos quiz dizer.

E nem isso admira, porque a nossa intelligencia é curta e pouco penetrante.

Pedimos pois, ao sr. Manoel Bernardino da Cunha e Silva licença, para em o nosso jornal, estamparmos a sua carta, que sabemos foi uma teia não de «miserias» mas sim de grossos arames, com que o sr. Manoel Bernardino enleiou, ou antes entalou, o sr. arcebispo primaz.

Depois da publicação d'esta carta, o sr. D. João Chrysostomo mandou chamar o sr. Penha Fortuna; e fechados ambos no quarto particular de s. ex.^a rev.^{ma}, o sr. D. João Chrysostomo pediu-lhe para lér aquella carta; e em quanto o sr. Penha lia, o arcebispo de Braga chorava!!

Em seguida o primaz das Hespanhas pediu encarecidamente ao sr. Penha, fizesse com que não mais se publicassem taes escriptos...

Já se vê, pois, que a carta encerra alguma cousa de pungente para o Prelado bracaraense. Se nós soubessemos onde estava o espinho, por certo o cortaríamos, para não magoar o coração de s. ex.^a rev.^{ma}.

Não sabemos; não podemos penetrar no amago d'aquella carta; não sabemos comprehender o sentido d'ella; para nós aquelle estilo é sibylino, é mysterioso, é apocalypticamente.

E no meio d'este limbo para nós tão obscuro, exige a nossa franqueza que façamos aqui uma solemne declaração:— se a carta do sr. Manoel Bernardino da Cunha e Silva, encerra alguma cousa de offensivo para o Prelado bracaraense, não é nossa intenção reproduzir essas offensas, mas tão sómente demonstrar ao nosso collega da *Palavra*, que não somos nós que urdimos a teia, mas sim outros, como o sr. Manoel Bernardino, a *Nação*, a propria *Palavra*, o Papa etc. etc.

Ahi vai pois o escripto a que nos referimos, e pedimos para elle toda a attenção dos nossos leitores.

«Carta ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

D. JOÃO CHRYSOSTOMO D'AMORIM PESSOA

**Arcebispo e Senhor de Braga
Primaz das Hespanhas**

Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.— Quando ha dias solicitei de V. Exc.^a Rev.^{ma} licença para no templo dos Congregados, se fazerem preces publicas pela conservação da preciosa vida do Santissimo Padre Pio IX, mal pensava eu que esta minha dedicação havia de ser motivo para V. Ex.^a se afastar, alguns momentos dos cuidados que lhe merecem os variados negocios da sua vasta diocese, obrigando-o a descer do vetusto throno dos Gaspares e dos Braganças, dos Bartholomeus e dos Brandões, para se occupar d'um modo tão singular de minha humilissima pessoa.

A leitura do communicado que V. Exc.^a fez publicar no n.º 718 do seu jornal simi-official o *Commercio do Minho*, magoou-me profundamente pela linguagem baixa, incorrecta e grosseira, que V. Exc.^a foi servido usar n'ella para commigo.

O alto saber e raras virtudes de V. Exc.^a Rev.^{ma} auctorisavam-me a crer que se interessava tão vivamente como eu, pela vida e saude do Santissimo Padre Pio IX, com cujas relações pessoaes, antiga amizade e

cordeal convivencia, V. Exc.^a, desde aquellas celebres questões do Oriente, tanto se honra e abona.

Enganei-me, porem, na minha expectativa: e a minha supplica foi injustificadamente ingeitada por V. Exc.^a, não tanto por indiscrepta e intempestiva, como por exprimir os votos de toda a imprensa portugueza, a quem V. Exc.^a lança um supremo e ignominioso desprezo, e que não cessava de noticiar com magoa, o estado gravemente enfermo do Pae commum dos fieis.

Exprimiu V. Exc.^a Rev.^{ma} um conceito infelzmente verdadeiro, quando despidosamente me arremessou ás faces com os insultantes epithetos de tolo e ignorante.

Nunca tive pretensões a sabio; nunca solicitei distincções scientificas, nunca implorei ingresso nas academias, e nunca tambem deixei de render culto e admiração ás torrentes da luz que jorram dos honrosissimos focos da sciencia e da erudição.

E é por isso que a minha intelligencia se curva reverente perante as inimitaveis pastoraes de V. Exc.^a Rev.^{ma}, perante os seus uniformes e fantasticos discursos, perante os jucundos periodicos que V. Exc.^a manda prestar pelo seu clero, perante os talentos que formam o seu domestico cortejo, por toda a sua dispendiosa e brilhante administração, enfim, porque V. Exc.^a já não é para nós simplesmente um immenso luzeiro, é mais, é um planeta que deslumbra e assombra, como tão imparcial e judiciosamente affirma o seu magnifico e superior hebdomedario a *Semana Religiosa*.

Sou um tolo, Senhor, não o nego. E se Deus me houvesse concedido o privilegio da esperteza, estaria ha muito livre dos rigores da minha obscura posição, por que desprezando preconceitos e catorrices religiosas, transpunha os umbraes de qualquer mosteiro, e pronunciando alli votos de pobreza, fugiria do seculo para impudente e audaciosamente ostentar ridiculos faustos, riquezas e esplendores mundanos.

Como são felizes, Senhor, aquellos com quem a Divina Providencia reparte os dons da esperteza e da finura! Nas cousas mais insignificantes, nos mais pueris brinquedos, nos afagos e mimos feitos a qualquer felpudo e caprichoso doguesinho, está muitas vezes o segredo d'uma futura posição, está o premio d'um talento decantado, está a corôa d'uma independencia calculadamente estoica!!

E eu, Senhor, viverei eternamente amarrado ao proprio cadaver, como diz o chorado Herculano, confiado apenas na bemaventurança que Deus prometeu aos pobres de espirito; em quanto que V. Ex.^a desligado d'estes laços, continuará gozando em placido ocio todas as commodidades da sua grande fortuna e honras, esperançado em obter no céu o premio e a recompensa das suas altas virtudes civis, militares e religiosas.

Eu, Senhor, porque sou um tolo e um ignorante, serei toda a vida escravo do trabalho, comerei o negro pão que os mingoados redditos do meu emprego produzirem; não terei jámais a possibilidade de entesourar economias, que me habilitem á compra d'uma deliciosa quinta, mesmo d'essas que foram patrimonio das ordens religiosas e que pela sua barateza, estão ao alcance da bolsa de qualquer proletario, e pelos perigos que acarretam para a consciencia, estão ao abrigo da avidez de qualquer espirito fraco, e temente a Deus.

Nem a minha pobre e acanhada intelligencia sabe elevar-se á contemplação e á posse d'esses appetitosos valores. Para mim passam desapercibidas as mais notaveis raridades; ignoro muita cousa, Senhor, e a respeito d'obras d'arte, nunca percebi o valor que tem uma delicada imagem da Virgem esculpida em marfim; não sei o apreço em que se podem ter umas alfaias preciosas, uns luxuosos páramentos, umas exquisitas escripturas de prata, uns calices d'ouro, uns obsoletos castiças de prata, que nem Bartholomeu dos Martyres, nem o proprio Pontifice seriam capazes de lhes descobrir hoje, qual o destino a que o tempo os arremessou.

Se eu fôra intelligente, Senhor, cuidaria em augmentar as mingoadas tabellas dos meus emolumentos, e não andava a perder tempo em rogar a Deus que conserve a saude

de e a vida do romano Pontifice. São invejaveis, Senhor, os dotes de esperteza e finura com que Deus favorece os seus eleitos.

Admiro estes predicados, respeito-os, sinto por elles até uma especie d'idolatria,

Quando vejo a subtileza com que as intelligencias peregrinas sabem corrigir lucrativamente os excessos e demasias das leis tributarias, como, por exemplo, o pagamento das contribuições de registro, etc., aliando os deveres da consciencia com as prescripções da lei civil, confesso a V. Exc.^a que exulto de prazer; e possuido do mais entranhado jubilo clamo a respeito dos taes espiritos previligados: abençoados ventres que deram ao mundo tam finos, tam atilados e bonitos pequenos!!!

Como devem ser formosos os brilhantes que exornam as corôas ganhas pela esperteza e finura, no jornadear d'uma vida especuladora e christã.

Estas corôas e estes brilhantes são como as palmas do Oriente, que, como V. Exc.^a nos disse n'um dia de jubilo nacional, «embora transplantadas para o ultimo canto do Occidente» nunca mais murchariam.

E cá estão ellas entre nós, pertencem-nos; porque embora o dever, a consciencia e a propria dignidade as quizessem forçar a ir desassombradamente florir entre os seus pares, mão liberal e benéfica lhes moderou os impetos e seccou a exuberancia, dando-lhes em pagamento trinta dinheiros, para voltarem silenciosas e mudas para o seu ninho.

E cá estão a produzirem ricas de seiva e viço os fructos abençoados da sua inquebrantavel independencia.

Que Deus proteja, conserve e avivente a palmeira e os fructos.

Termino por hoje, Exc.^{mo} Snr., estas mal ordenadas considerações sobre a minha apregoada ignorancia.

Não tenho tempo nem memoria para proseguir n'ellas.

É largo o transito que têm a percorrer, abraçam dous mundos porque, os ignorantes são cosmopolitas; habitam igualmente os climas da Asia e da Europa, os tropicos e os polos, o Oriente e o Occidente.

Prometto, porem, a V. Exc.^a Rev.^{ma} que logo que as minhas transtornadas facultades o permitirem, irei aos palmares da India, ao celeste imperio, beber nos limpidos arrosios de Madrasta e Ceylão a finura, a esperteza e a sciencia que as antigas agoas de S. Geraldo não tem dado até hoje.

Por ultimo, já que V. Exc.^a não concedeu licença aos fieis da sua diocese e a mim seu interprete, para orarem pela vida e saude do Santissimo Padre Pio IX, indemnise-nos ao menos com 40 dias d'indulgencias, bulla de composição e uma benção apostolica.

Assigno-me com o maior respeito e reverente submissão.

Braga, 27 de Dezembro de 1877.

De V. Exc.^a
subdito, admirador e mais
discreto amigo

Manoel Bernardino da Cunha e Silva.

N. B. Para destruir qualquer suspeita, que V. Exc.^a possa ter contra o respeito que devo a V. Ex.^a, declaro que não termino esta com a devida continencia militar, porque nunca pertenci ao exercito.

A minha espada, menos guerreira, que a do meu especial e mimoso amigo, o snr. José Maria Dias da Costa, só entrou na bainha muito depois da convenção d'Evora-Monte, por isso não apresento armas a V. Exc.^a.

COMMUNICADO

MONSÃO 26 DE JULHO

Assiduo e constante leitor do *Povo de Braga*, tenho notado a escrupulosa verdade, com que vv. descrevem todos os factos que dizem respeito ao nosso Prelado, e seu coadjutor, o tal bemaventurado que, n'outros tempos, se chamava—P.^o João Rebello Cardoso de Menezes.

Noto porém, umas certas inexactidões n'um artigo do seu ultimo numero, que tem por epigraphe =o *Atheneo*.

Parece-me que não foi aquelle santo varão, que foi d'esta pára a outra vida, sem que o sr. arcebispo podesse comprehendel-o, sim, não foi o sr. José Maria da Porta Nova quem colleccionou os taes castiças de prata de que falla o tal artigo. D'esses castiças o sr. Prior d'Estella é que talvez nos possa dar informações; ou então um desmentido formal e absoluto, para não pesarem sobre o sr. arcebispo suspeitas de menos probidade ou menos seriedade, quando se trata de adquirir fazenda alheia.

Deixe pois, v. descansar em paz a alma de Jose Maria Dias da Costa, que nada teve com a tal offerta dos castiças.

—E que me diz v. a um vaso sagrado de riquissimos lavores, com os quatro patriarchas das ordens religiosas, e outras figuras primorosamente lavradas, pertencente a uma senhora *Loureiro*, que se acha recolhida no convento do Salvador?

Essa peça, cujo valor artistico eu ouvi em tempo, calcular em 4505000 reis, consta por aqui que tambem já fôra colleccionada por s. ex.^a rev.^{ma}.

—Aqui n'esta villa, ha uma riquissima custodia no gosto do tal vaso sagrado que, por certo, faria tambem conta ao sr. arcebispo, para completar a sua colleção.

Mas infelizmente, os administradores da irmandade á qual pertence aquella rica custodia, consta-me já combinaram entre si, que, se algum dia o sr. arcebispo primaz visitar esta villa, s. ex.^a a entrar, e aquella preciosidade artistica, a passar o rio para a outra banda!

Não sei que receios alimentem os illustres mesarios, de que a sua rica custodia seja vista e admirada por um prelado, que tão desenvolvido tem o appetite e gosto artistico pelas preciosidades litterarias e raridades archiologicas.

Emfim, são cousas com que me não importo, mas desejava que o sr. D. João a contemplasse da cupula á base, para o vêr dar dois pulos, e conceber uma esperança de a colleccionar tambem.

—Por aqui espera-se por a visita pastoral de sua ex.^a rev.^{ma}: e o digno Vigario Geral de Valença já tem em seu poder, desde o anno passado, alguns caixões de vinho do Porto, para edificação dos fieis e restauração das forças perdidas de sua ex.^a rev.^{ma}.

N'outros tempos preparavam-se com cilícios e jejuns, com a emenda e reforma de vida, para receber os conselhos, admoestações e benções do seu prelado; agora, preparam-se com vinho, doce e uma abundante e variada ucharia, que toda reverte em proveito do estomago, com o que muito se escandalizam os fieis!

Venha, pois, o sr. arcebispo que ali em Valença ha salvas d'artilharia, musicas, um Estado-Maior militar, uma collegiada com conegos, e á distancia de 2 kilometros um bispo que o sr. D. João muito ha de desejar vêr e abençoar, na qualidade de Primaz das Hespanhas que é.

Aqui em Monsão, ha a hospedeira e bizarra casa da Berjoeira, onde sua ex.^a terá uma recepção principesca, e poderá tambem colleccionar alguns objectos para o seu *Atheno*, mesmo porque o illustre dono d'aquella casa, está infelizmente, privado da vista.

Por hoje, não posso ser mais extenso.
Z.

NOTICIARIO

Justiça Turca

Não queremos por emquanto dar credito ao que nos consta que o sr. arcebispo primaz está praticando, com um seu parochio sexagenario e victima de ataques epilepticos, ahi do concelho de Espozende ou de Barcellos.

Dizem-nos o seguinte: Ha um parochio doente o sexagenario, que, em consequencia das suas molestias, não pôde viver, ou só vive com grave detrimento de sua suade na Igreja, cujo parochio é.

Sabe o sr. Arcebispo por meio de qualquer torpe denuncia, que este parochio não reside, e sem attender a considerações algumas, manda intimar o pobre velho para se recolher ao seu beneficio, o qual é curado zelosamente pelo cura d'elle.

Ao receber a intimação o velho parochio, recorre ao seu prelado, instruindo o requerimento com as declarações de dois facultativos legalmente habilitados, que affirmam sobre juramento, que o referido parochio não pôde, sem grave perigo de sua vida residir dentro dos limites da sua igreja: e sua ex.^a rev.^{ma} despreza este documento, e determina que o parochio entre depois de trinta dias no exercicio das suas funcções.

Vem novamente o parochio representar que sendo-lhe impossivel viver dentro dos limites da sua parochia, e tendo causa legitima para obter da Santa Sé breve de *non residendo*, vae solicitar esta graça, da Santa Sé.

Faz o seu requerimento, e consta-nos que sua ex.^a rev.^{ma} o informara mal!

Pede para que lhe seja nomeado encomendado o seu cura, e sua ex.^a rev.^{ma} indefere!

Ora nós não queremos acreditar que um prelado, que abandonou a sua diocese sob pretexto de n'ella poder *dar a casca*, seja ou queira ser tão zeloso de residencia parochial, n'outra diocese, cujo clima lhe põe a tal *casca* ao abrigo das febres indianas, que não duvide exigir o sacrificio da propria vida a um clerigo sexagenario, e de mais a mais seu irmão na ordem franciscana.

Esperamos anciosamente pelas soluções d'esta pendencia, para depois tomarmos conta d'ella, e provar uma these que ha muito defendemos = A corrupção e o Catonismo são os extremos igualmente immoraes de todos os caracteres covardes e miseraveis.

Despachos ecclesiasticos

Pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos, effectuaram-se os seguintes:

Decreto concedendo permissão para que os presbyteros João Ignacio Machado, parochio da igreja de N. Senhora de Alcantarilha, e João Maria de Mendonça Vargens, parochio da de N. Senhora da Conceição de Martim Longo, bispado do Algarve, para entre si permutarem os respectivos beneficios.

Decreto declarando sem effeito o de 13 de março de 1879, pelo qual fôra apresentado na igreja de Nossa Senhora da Assumpção de Gonçalo, diocese da Guarda, o presbytero Manoel Telles da Cunha, parochio da de N. Senhora da Annuniação de Famalicão.

Decreto apresentando o presbytero António Martins dos Santos Villas Boas, na igreja de Santa Maria dos Anjos de Espozende diocese de Braga.

Decreto apresentando o presbytero Joaquim Alves Pinto, na igreja do Santissimo Salvador de Bombarral, concelho do Cadaval, do patriarchado

Decreto apresentado o presbytero Joaquim Luiz Ferreira, na igreja de S. Pedro de Folgoso, concelho de Gouveia, diocese da Guarda.

Decreto apresentado o presbytero Antonio Mendes Cardoso, na igreja de N. Senhora da Carredoura de Caria, concelho de Sernancelhe diocese de Lamego.

Decreto apresentando o presbytero Fortunato Antonio Galdes Taborda, na igreja de N. Senhora da Conceição de Penha Garcia, concelho de Idanha diocese de Castello Branco.

Agradecimento

Os abaixo assignados, esposa, sobrinha e compadre do fallecido sr. Antonio José d'Abreu, antigo negociante n'esta cidade, extremamente penhorados com todos os ex.^{mos} snrs. que os cumprimentaram por occasião de tranze tão doloroso, e especial-

mente com aquelles que além d'isso se dignaram acompanhar no dia 26 o finado á real igreja de Santa Cruz, e alli assistiram aos officios funebres no dia 27, e o acompanharam á sua ultima morada, veem por este meio agradecer-lhes, profundamente reconhecidos, protestando a todos sincera e indelevel gratidão.

Braga, 29 de julho de 1888.

D. Custodia Maria de Jesus,
D. Custodia da Graça Pereira,
Antonio José Pereira. (6)

ANNUNCIOS

TANUARIA PORTUENSE

Os serviços d'esta tanuaria todos de madeiras especiaes, são feitos por individuos habilitados, e por preços commodos. Rua das Aguas n.º 60—Braga. (5)

Trabalhos de cabello

Fazem-se de lindos e variados gostos, como são brincos, broches, correntes, aneis trancelins, e abotoaduras para CAMIZAS; quem pretender pôde tractar na rua do Alcaide n.º 3—BRAGA. (3)

PANOS CRUS LIZOS SARJADOS E ALGODÕES

Largo de N. Senhora A Branca n.º 4 e 5

BRAGA.

Manoel Bento de Carvalho tem o deposito da importante fabrica de fiação a vapor em Salgueiros, que vende por junto pelo preço da fabrica e respectivo desconto, havendo ainda o beneficio do carroto do Porto para esta cidade.

Tem um sortido completo de panos crus lizos e sarjados, principiando os preços d'aquelles em 15500 reis até 35450, a peça de 27^m,50.

A fabrica de fiação a vapor em Salgueiros é uma das mais bem montadas do Paiz e os seus productos rivalisam com os estrangeiros em preços e qualidades.

Este deposito tem a seu cargo o fornecimento para as seguintes localidades: Braga, Ponte do Lima, Ponte da Barca, Arcos de Val de Vez, Villa Nova de Famalicão, Barcellos e Povoia de Lanhoso. (2)

Venda de casa e quinta

Vende-se a casa n.º 27 do campo de D. Luiz junto ao quartel de Cavalaria, e uma quinta na freguezia de Ferreiros, logar da Gandra, pertencente a Anna Margarida de Castro Loureiro, quem pretender fale com seu irmão na rua Nova n.º 5.

Este jornal está habilitado em conformidade com a lei

TYPOGRAPHIA LEALDADE.